

9.

Século XX e XI – África e cercanias - muitas falas

"Se queres saber quem sou,
 Se queres que te ensine o que sei,
 Deixa um pouco de ser o que tu és
 E esquece o que sabes."¹²

Esta história, contada aqui de forma bastante reduzida, não só nos fatos, mas também nas muitas possibilidades de versão, traz nela a representação da cultura mandé, versões diferentes enfatizam diferentes aspectos, dependendo da personalidade de quem conta e para quem conta. A história de Sundjata é um conceito fluido, não há uma forma definitiva. Ela é um fio com o qual é possível tecer diferentes formas. A arte do griot está na sua habilidade de recriar e adaptar esta ou outra história de seu repertório para cada público e ocasião. Há fatos que, por serem do conhecimento do público em geral, não são devidamente detalhados pelo contador. Outros não podem deixar de ser narrados, mesmo que não sejam compreendidos por aqueles que não fazem parte da cultura, ou até pelos que estão absolutamente inseridos nela. Acredita-se que algumas palavras devem ser faladas, mesmo que não sejam compreendidas, apenas pelo poder que engendram. Há casos em que as palavras são tão antigas que nem mesmo os próprios griots sabem seu significado exato, mas elas continuam sendo repetidas.

No que foi narrado aqui é possível destacar algumas coisas relevantes sobre a cultura dos griots. A intimidade entre o instrumento e o griot é tamanha que ambos ganham o mesmo nome, *Bala*, e há algo de inexplicável na relação que prontamente se estabelece entre os dois. Todo o griot sabe tocar um instrumento. Na verdade, até pouco tempo, em princípio, só os griots podiam ser músicos na região do Império Mandé. Salif Keita, por exemplo, cantor do Mali que ficou conhecido em grande parte do mundo, por ser um Keita, de família real, teve que fugir de casa para seguir a carreira musical. Ele foi responsável por uma mudança importante nos costumes de seu país, o Mali.

Todo o griot, ao contar sua história, está sempre imbuído de uma musicalidade. A palavra dialoga todo o tempo com o que está sendo tocado, uma coisa não precede a outra hierarquicamente, elas se coordenam. A música não é pano de fundo para a história, não é ornamento, a música também conta. E a

¹² Ensino de Tierno Bokar citado no texto *A tradição viva* de Amadou Hampaté Bâ.

palavra, além de sentido, é percussão, é ritmo, marca uma cadência e desenha uma melodia.

A importância do griot é reafirmada diversas vezes na história. O único pedido de herança de Sundjata é o griot de seu pai, é também um griot o responsável por Sundjata não ser o primogênito e perder o direito ao trono, é através do griot que Sumanguru é derrotado. Porque ele é o mensageiro da palavra, ela é de sua responsabilidade, e é a palavra que mantém passado e presente unidos, a palavra tem o tempo nas mãos. O griot, por sua vez, se torna, então, guardião do tempo.

Formerly the griot was ... an extremely powerful man. So much so that Balla Fasseke Kouyate, the griot of Sunjata, Said straight out to Sunjata: "We are two to lead the Mande; you do what I advise you to do."¹³

Quanto aos aspectos ocultos, que nos parecem, aos ocidentais, estranhos, entram naturalmente na história por fazerem parte do cotidiano de leste a oeste do Saara, são parte de uma identidade profunda, que não é possível reconhecer da superfície. De fato, mais do que compreendidos, são aspectos que precisam de vivência para que seu sentido possa ser realizado. Para mim, penso ser necessário aqui, ao me deparar com estes aspectos ocultos, aceitá-los como demarcação de um espaço no qual não tenho capacidade, neste momento, de entrar. Mas ainda assim, é importante reconhecê-los como parte integrante e fundamental deste texto. Ele compõe os silêncios vários que permeiam estas palavras. Como Hampaté Bâ escreve, no prólogo de *Amkoullel, o menino fula*:

Outra coisa que às vezes incomoda os ocidentais nas histórias africanas é a frequente intervenção de sonhos premonitórios, previsões e outros fenômenos do gênero. Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimento que, para nós, são parte do dia-a-dia e não nos surpreendem de maneira alguma.

A palavra do griot ou jali, tem o poder de controlar o *nyama*, por isso ela tem grande força, que pode ser usada para o bem ou para o mal. Através de sua fala, os *jalis* conseguem se proteger, eles mesmos, do *nyama*. Enfim, são artesãos

¹³ Massa Makan Diabate *apud* CHARRY, Eric. *Mande Music: traditional and modern music of the Maninka and Mandinka of Western Africa*. Chicago: The University of Chicago, 2000. p. 59.

que esculpem, dão forma a energia que os rodeia, da maneira que desejam. A louvação, uma das funções mais conhecidas do griot, segundo consta, fala sobre a pessoa, e não apenas diz o que ela é, suas qualidades e feitos, como também faz emergir o que nela está latente, traz à tona suas potencialidades, muitas vezes ocultas. A fala do griot acessa os segredos mais íntimos do louvado. O nome Kouyate, como a primeira linhagem de griots, tem exatamente este significado—há um segredo entre nós. Esta é uma característica delicada, coloca o louvado numa posição frágil diante do louvador. Há um perigo nestas palavras, elas atuam sobre energias que podem estar num equilíbrio frágil, porque em descanso. Ao serem ativadas, podem provocar um movimento de algumas forma destrutor, no ouvinte. O louvador está intimamente ligado ao louvado, ele é capaz de conhecer seus segredos. Nem sempre se deseja ter os seus segredos acessados, nem sempre se deseja o movimento. Por isto, a palavra de um griot pode ser tão temida quanto indesejada. E por isto, é necessário que sua linhagem seja o testemunho de gerações responsáveis e conscientes do poder que sustentam.

É preciso entender a palavra louvação sob a perspectiva africana, a palavra é sagrada, e a louvação é um gênero importante de discurso que, como instrumento do artesão, trabalha sobre o corpo do outro. Sob esta perspectiva, a palavra tem realmente o poder de encarnar. A palavra faz um trabalho corporal e anímico no ouvinte, ela toca a singularidade e a chama a realizar suas potencialidades, é uma técnica física.

Tradicionalmente os griots eram patrocinados pelos reis, com os quais tinham intenso convívio e para os quais faziam a louvação e não só, o griot era a voz do rei, ele falava pelo rei, por isso eram muito respeitados e fartamente recompensados. O griot funcionava como um complemento do rei, seu duplo. Tudo o que era vetado ao rei, seu griot tinha liberdade para fazer. Não era possível ao rei falar em voz alta, gritar, seu griot fazia isto por ele. O rei não podia voltar atrás nas suas falas, mas o griot, sim; jamais se enganar, coisa tolerável no griot. Portanto, o griot protegia o rei para que este tivesse o menor desgaste possível. Além disso, era ele, o griot, quem guardaria a história de seu rei para seus descendentes. A imagem de seu reinado estava nas mãos de seu griot. A relação era absolutamente comprometida.

Era costume, como na história de Sundjata, o rei passar seu griot para o filho que o sucedesse. Hoje a situação é bastante diferente, os griots não mais estão ligados à uma determinada família nobre, a situação política na África Ocidental é outra, mas o hábito de dar dinheiro ou presentes aos griots e griotes por sua louvação ainda se mantém. Suas canções ocupam as rádios e TVs, ganhando diferentes arranjos e interpretações, e além de fazerem louvações aos antigos reis e heróis, passaram também a recitar genealogias dos governos atuais. Seus cantos são enriquecidos com novos temas, como independência, desarmamento, identidade africana. São também um grande atrativo para o turismo nesta região. Os griots mais famosos muitas vezes recebem presentes bastante generosos, dinheiro, carro, casa, terras, e há o caso de uma griote que ganhou um pequeno avião como retribuição ao seu canto. Muitas vezes, os griots tem mais dinheiro que os nobres que os contratam, e há casos em que uma família se endivida para poder ter, num casamento ou batismo, a presença de um griot. A maioria, no entanto, não vive de suas apresentações, trabalha em outras profissões, incluindo aí cinema e música, e também todo o tipo de trabalho burocrático, exercem sua arte da palavra no cotidiano.

O ator Issac Bernat, na viagem que fez ao Mali, com Sotigui, conta na sua tese de doutorado, que o ônibus em que estava, numa estrada no interior, bateu em um carro. Os motoristas saíram e começaram a discutir ofensivamente, em seu ônibus havia um griot e vendo-os discutir, desceu, foi até eles e disse algumas palavras no ouvido de cada um. A discussão, já bastante acalorada, na mesma hora sossegou. A partir daí, os dois motoristas entraram facilmente num acordo. De outra vez, a atriz Tereza Seibnitz, que também fazia parte do grupo que viajou com Sotigui, conta ter visto uma pessoa sendo louvada por uma griote, e diz ter se impressionado com a força das palavras e com o efeito que tinham sobre a pessoa a quem a louvação se destinava, mesmo sem ter compreendido o significado do que estava sendo dito. O efeito, segundo ela, era realmente visível. Há, na palavra dita por um griot ou griote, uma autoridade que se impõe, porque sua palavra é exata e se pretende justa, precisa. Existe um pacto entre os griots e a sociedade a que pertencem, um pacto que só é possível através de séculos de tradição, é ela que legitima sua arte.

Many noblewomen love the griots' songs and sing them to themselves when no one else is around to hear, repeating them quietly, like personal charms. They feel the power of the griots' words, power that moves, that enables— power that, like other power structures in Mande world, is articulated in obscurity.¹⁴

Esta força misteriosa da palavra, esta ligação física que se dá entre a palavra de um e o corpo do outro, o íntimo acesso do louvador ao louvado, é para nós, ocidentais, uma linha de resistência, é difícil apreender, e as explicações dadas pelos africanos demandam uma vivência profunda da cultura, para que possam ser acessadas.

Quando pequenos, griots não se envolvem em brigas, e não é permitido às outras crianças chamá-los ou instigá-los para uma disputa física. Se isso acontece, a resposta vem, violenta, na forma de palavras proferidas pela mãe do pequeno *jeli* à família da outra criança. Este tipo de resposta é temida por todos, ninguém quer se indispor com um griot.

Se, por um lado, é verdade que os griots são muito respeitados ainda hoje em seu território, é também verdade que suscitam muita desconfiança e animosidade. São muitas vezes tidos como mentirosos, bajuladores e aproveitadores, já que sempre recebem alguma coisa em troca de suas louvações. Se antes as louvações eram feitas para famílias com as quais tinham uma grande intimidade, o mesmo não se dá hoje. Famílias ricas, sem relação alguma com griots, os contratam para receberem sua louvação. Muitos acreditam que eles usam as palavras para lisonjear, que a força de suas louvações, apoiada numa estreita relação de conhecimento, se perdeu em meio a lisonjas desonestas e interessadas, e que eles são capazes de dizer qualquer coisa por dinheiro. Muitos duvidam da veracidade de suas palavras, alguns acreditam que sua mentira é socialmente necessária.

Não tenho interesse aqui em discutir a veracidade ou mendacidade na fala dos griots, não me sinto capaz, e não vejo nisto relevância para este trabalho. Acredito, pelo que pude observar, que a palavra é tão temida quanto respeitada e é acordado por todos que ela tem grande poder, representando um perigo real, físico. As diferentes famílias de griots foram construindo seu nome e sua credibilidade por gerações e penso que não pretendam uma verdade única, ainda assim, como artesãos da palavra, fazê-las crível é parte indispensável de sua arte.

¹⁴ HOFFMAN, Barbara. *apud* HALE, Thomas A. *Griots and Griottes: master or Words and music*. Bloomington: Indiana University Press, 1998. P.119.

Jeliya is knowing yourself and knowing others. Ngaraya, which is the summit of honorific distinctions, refers to those who know what they are talking about, and behave accordingly. That's why Sira Mory sang Sara only for those who keep their word and for those who are trustworthy. The word and the secret should be honored and guarded.¹⁵

Jeliya é a prática do jeli, do griot; *ngara* é o griot mestre, cuja palavra está acima de qualquer suspeita, um título concedido àqueles que, depois de muito tempo, são reconhecidos por sua excelência e respeitabilidade. Sua prática é chamada de *ngaraya*, como aparece no texto acima.

Há, na palavra dita por um griot ou griote, uma autoridade que se impõe, porque sua palavra é exata e se pretende justa, precisa. Existe um pacto entre os griots e a sociedade a que pertencem, um pacto que só é possível através de séculos de tradição, é ela que legitima sua arte.

Many noblewomen love the griots' songs and sing them to themselves when no one else is around to hear, repeating them quietly, like personal charms. They feel the power of the griots' words, power that moves, that enables—power that, like other power structures in Mande world, is articulated in obscurity.¹⁶

Esta força misteriosa da palavra, esta ligação física que se dá entre a palavra de um e o corpo do outro, o íntimo acesso do louvador ao louvado, é para nós, ocidentais, uma linha de resistência, é difícil apreender, e as explicações dadas pelos africanos demandam uma vivência profunda da cultura, para que possam ser acessadas.

Hampaté Bâ considera que os griots não são os únicos tradicionalistas, ele mesmo é um exímio narrador e propagador, através da escrita, de sua história, de sua cultura, e teve importante papel na transcrição das narrativas orais africanas. Para ele, a legitimação, pelo ocidente, da tradição oral como fonte histórica fidedigna, faz parte de um projeto político. Ele quis mostrar como se pode escrever a história da África a partir do que contam os legítimos conhecedores, e para isto era importante mostrar como e porque são eles confiáveis. A fama dos griots poderia ser um empecilho ao seu projeto, era, então, importante frisar que

¹⁵Kone Kassim em entrevista a Lucy Duran, 1996, *Ngaraya: Women and musical mastery in Mali*.

¹⁶HOFFMAN, Barbara. *apud* HALE, Thomas A. *Griots and Griottes: master or Words and music*. Bloomington: Indiana University Press, 1998. P.119.

os conhecedores não são necessariamente griots, e importante também fazer uma distinção entre os próprios griots. Dessa forma, Hampaté Bâ chama atenção, em alguns de seus textos, para a liberdade excessiva concedida ao griot em relação à palavra. Assim como são portadores de notícias, podem ser, também, difamadores. As particularidades da fala do griot certamente não se encaixam nos padrões exigidos por historiadores. Hampaté Bâ, no texto *Metodologia e pré-história da África*, escreve que os griots tem a liberdade de mentir sem que isto traga maiores consequências: "Isso é o que o *dieli* diz! Não é verdade verdadeira, mas a aceitamos assim." Esta é uma expressão que circula pela sociedade e mostra que, pelo menos em relação ao griot, é importante que sua palavra seja aceita, é importante que este espaço na cultura seja preservado, ainda que não trate de uma "verdade verdadeira".

I myself taught my children about the tradition of jaliya. When they were young they sat beside me, and with the small lies I put together to sing, they to imitated that system¹⁷

Esta ideia parece se contrapor ao que diz Sotigui, mas indo mais adiante no texto de Hampaté Bâ, vê-se que ele identifica diferentes tipos de griots, e cita os *dieli-faama* ou *griots-reis* cuja palavra é cheia de virtude, jamais capaz de mentir ou abusar dos direitos que o costume lhes concede, são eles os *tradicionalistas-doma*, ou conhecedores, fonte de informações absolutamente confiáveis, eles são iniciados, o que lhes concede alto padrão moral e os proíbe de mentir. Ao se ouvir um griot contando uma história, muita vezes pergunta-se se é uma história de *dieli* ou de *doma*. Segundo Hampaté Bâ, a base dos fatos é praticamente a mesma, mas o griot comum embeleza sua verdade da maneira que lhe convém, já um *doma* tenta fazer a transmissão sem enfeites ou exageros, se atendo à tradição.

As pessoas da região do antigo Império do Mali foram muito resistentes à colonização francesa, o país foi ocupado, mas, diferente do que parece ter acontecido na invasão árabe, na qual as culturas se misturaram, em relação aos franceses, as tradições foram fortemente protegidas. Esta resistência à figura do griot parece ter surgido quando da ocupação.

¹⁷ Jali Sakiliba *apud* em EBRON, Paulla A. *Performing África*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2002. p.158.

O griot principal é um homem de estatura mediana, franzino e nervoso. Tem os olhos brilhantes e uma pequena barbicha. Quando toca, parece mais sobreexcitado que nós, e sua cabeça pende para trás com frequência, como se estivesse em êxtase. No punho esquerdo, chocalhos de metal que ele não para de vibrar, por meio de ondulações ou tremores do braço. O mais importante de seus companheiros é um rapagão imenso, *ex-tirailleur*, que poderia tranquilamente sair-se muito bem como cafetão. Está vestido com uma pequena saia branca com grandes estampas multicoloridas que lhe cai como uma espécie de tutu.¹⁸

Os franceses diziam que, ao chegar a África, tinham encontrado uma gente boa e trabalhadora, mas que, entre eles, havia também os preguiçosos, que ficavam apenas falando enquanto os outros lhes davam dinheiro. Os colonizadores ignoravam que a palavra era o trabalho do griot. Eram eles os mantenedores de sua história, de sua cultura. Traziam no corpo a tradição e enquanto tivessem vivos, ela também se manteria viva. Ao perceberem sua força, o que representava, dentro de sua cultura, tornou-se importante para os franceses desacreditá-los. A língua é um instrumento capaz de promover o esfacelamento de uma cultura, mas em países como Mali, Guiné, Senegal, Burkina Faso, o convívio com diferentes línguas faz parte do cotidiano local. O francês foi incorporado pelos griots, com sua grande capacidade de adaptação, como mais um espaço fértil no qual poderiam espalhar suas histórias. E uma história tem sempre muitos lados. Os griots o sabem bem, tecem seus contos por sobre lados de uma geometria assimétrica. Sotigui Kouyaté diz que um verdadeiro griot não faz disso um trabalho, ele "é alguém que tem o poder de trazer um mundo todo por uma porta."

¹⁸ LEIRIS, Michel. *A África fantasma*. São Paulo: Cosac&Naif, 2007, p.82.